

Prezados investidores,

No 2º trimestre de 2024, o Brasil Capital FIA (BC FIA) e o Brasil Capital 30 FIA apresentaram uma queda de -5,2%, enquanto o Ibovespa oscilou -3,3%.

Retornos BC FIA			
	2T24	Ano	Início (a.a.) *
BC FIA	-5,2%	-11,3%	19,1%
IGPM+6%	3,4%	4,9%	13,5%

Retornos BC 30 FIA			
	2T24	Ano	Início (a.a.) **
BC 30 FIA	-5,2%	-11,4%	9,9%
Ibovespa	-3,3%	-7,7%	6,6%

Fonte: Brasil Capital e Bloomberg

Janelas referentes ao fechamento de junho/24

*Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC FIA: 13/10/2008

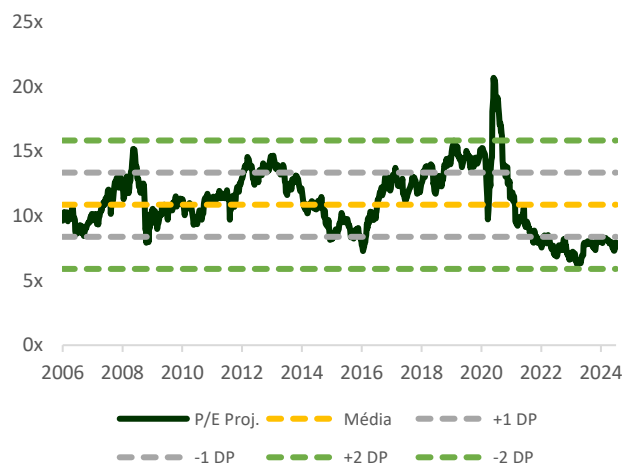
**Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC 30 FIA: 27/08/2012

Valuation Atual do Mercado e Contexto Macroeconômico

Assim como no 1º trimestre de 2024, o 2º trimestre continuou numa trajetória negativa para os ativos de risco no Brasil, com o Ibovespa terminando o primeiro semestre com o pior desempenho entre as principais bolsas globais.

Atualmente o P/L projetado do Ibovespa para os próximos 12 meses é de 7,6x, comparado à média dos últimos 18 anos de 10,9x (desconto de 30%). As duas últimas vezes que vimos *valuations* dessa magnitude foram em 2008/2009 (crise financeira global) e 2015/2016.

P/L Projetado Ibovespa



Fonte: Bloomberg.

Em 2015/2016, o Brasil enfrentava uma crise fiscal aguda durante o governo Dilma e uma das maiores recessões da história recente do país. Neste ano de 2024, a partir de meados de abril, as discussões sobre a trajetória da dívida brasileira voltaram a ganhar relevância nos mercados após mudanças nas metas fiscais pelo governo Lula. Entendemos que esta é uma questão delicada, com potencial para tomar rumos variados em termos de direção e de magnitude na economia e nas empresas, merecendo, portanto, toda a atenção e cuidado. De qualquer forma, achamos importante fazer um diagnóstico do período atual em comparação com o anterior a fim de estabelecer paralelos sobre a saúde econômica do país em cada um deles.

Dados econômicos 2015 versus 2024 (Projeção)

	2015	2024P
Crescimento real do PIB	-3,5%	2,1%
IPCA	10,7%	4,0%
Selic (média)	13,6%	10,7%
Dívida pública bruta - % do PIB	65,5%	77,5%
Balança comercial - USB bi	14	82
Conta corrente - % PIB	-3,5%	-1,9%
Resultado primário (% PIB)	-1,9%	-0,7%
Fed Funds (médio)	0,1%	5,3%
IGP-M	10,5%	3,4%
Dólar (médio)	3,33	5,20

Fonte: Focus.

O Brasil terminou o ano de 2015 com uma dívida pública bruta de 65,5% do PIB. Atualmente, as projeções para 2024 indicam que fecharemos o ano próximo a 77,5%, mostrando um aumento significativo nos últimos nove anos para um país em desenvolvimento. Por outro lado, em termos de velocidade do aumento do déficit, em 2015 tínhamos um resultado primário de -1,9% do PIB e Taxa de Juros (Selic) média de 13,6%, o que ampliava a dívida nominal em larga escala. Neste ano, as discussões giram em torno de números consideravelmente mais baixos: déficit potencial entre 0,5% e 1,0% do PIB, e juros quase 300 pontos base abaixo.

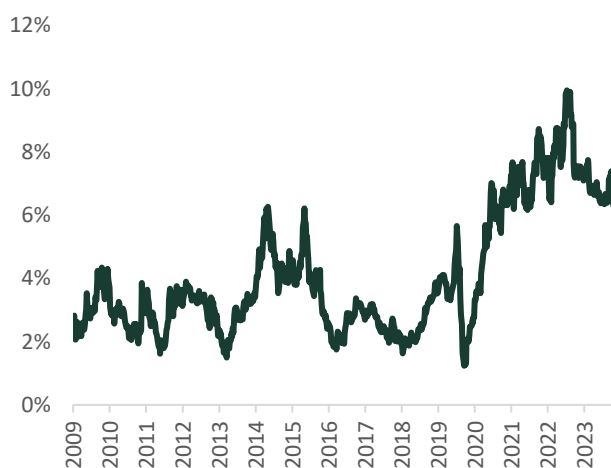
Em relação à atividade econômica e inflação estamos em situação bem mais favorável. O PIB estimado para 2024 é de 2,1%. Em 2015, a economia fechou com recessão de 3,5%. No que tange à inflação, tanto o IPCA quanto o IGP-M no ano estavam na casa dos 10,6%, enquanto hoje esses índices estão com uma projeção bem mais contida de 4,0% e 3,4%, respectivamente.

Outro dado de extrema importância na comparação desses períodos em que a bolsa estava igualmente barata é a balança comercial. Em 2015, o saldo foi de superávit US\$14 bilhões, enquanto as estimativas para este ano são de superávit US\$82 bilhões, apoiadas por preços de *commodities* bastante saudáveis e um câmbio elevado que acaba sustentando esse bom resultado.

Os juros em cada um dos períodos (2015 e 2024E) também eram bem diferentes e por serem balizadores importantes de preços das empresas no Brasil e no mundo merecem atenção especial. Quando consideramos os juros reais históricos brasileiros como um segundo componente na equação de preços do Ibovespa, vemos que a bolsa se mostra ainda mais barata.

Se invertermos o P/L atual 12 meses à frente do Ibovespa, obtemos um *yield* de 12,6%. Os juros reais brasileiros de mercado para os próximos 10 anos estão em torno de 6,3%. Subtraindo o segundo valor do primeiro, vemos que o prêmio para o investidor em ações atualmente é de 6,3 pontos percentuais acima do juro real. Historicamente, isso indica que estamos em um dos momentos mais atrativos em termos de preços de ativos nos últimos anos. Assim, apesar dos argumentos sobre altos custos de oportunidade no Brasil e no mundo atualmente serem válidos (com os juros de 10 anos nos EUA atualmente em 4,2%, contra 0,1% em 2015), mesmo considerando isso, a bolsa parece extremamente descontada.

Earnings Yield Ibovespa – Juros Reais Brasil



Fonte: Bloomberg.

Análises como essa só fazem sentido se as empresas selecionadas para o portfólio forem capazes de aumentar seus lucros nos próximos anos. Isso depende de uma economia minimamente saudável, mas principalmente de times competentes por trás de bons modelos de negócios e

mercados. Conforme mencionado na nossa [carta do 2T23](#), historicamente, empresas com essas qualidades aproveitam momentos turbulentos como oportunidade, e com a concorrência fragilizada, são capazes de ganhar *market share* e ampliar suas vantagens competitivas.

Nestes quase 16 anos desde que começamos a gerir o fundo, a economia tem se mostrado no mínimo desafiadora. O crescimento médio do PIB foi de 1%, a inflação média anual de 6% e a taxa SELIC média anual de 9%. Discussões e riscos políticos e econômicos sempre estiveram presentes, e a intensidade e proporções atuais não parecem maiores ou menores do que foram historicamente.

Dito isso, permanecemos fiéis à nossa filosofia *bottom-up*, com foco em negócios de qualidade, visão de longo prazo e muito trabalho e diligência. Entendemos que o momento é positivo quanto à tendência de resultados das companhias e aos preços praticados no mercado. *"If a business does well, the stock eventually follows"* - Warren Buffett.

Como último comentário sobre a nossa percepção atual de oportunidade na bolsa, temos observado uma forte movimentação de *"insiders"* no nosso portfólio. Das 20 principais posições do fundo, 15 delas (75,0%) foram *net* compradoras de ações nos últimos 12 meses. Esta análise considera tanto controladores aumentando suas participações nas empresas quanto as próprias companhias recomprando ações no mercado. Esse é um dado que sempre acompanhamos de perto. Gostamos quando empresários bem-sucedidos, com visão de longo prazo, veem oportunidades adicionais para alocar capital marginal nas empresas em que estamos investidos.

Contribuições Positivas no Trimestre

Rede D'or	1,0%
Hapvida	0,7%
Nubank	0,6%

Rede D'or foi o principal destaque do trimestre, impulsionada por vários avanços positivos no caso, que trouxeram boas expectativas para o restante do ano e para o longo prazo da empresa. Esses acontecimentos foram: divulgação de um forte resultado do 1º trimestre, JV com Bradesco e desenvolvimentos na agenda de alocação de capital da companhia.

Começando pelo resultado do 1º trimestre, entendemos que este trouxe excelentes indicativos para a tese de

longo prazo da empresa em ambas as unidades de negócios. Começando pelos hospitais, o maior destaque foi a adição de leitos, que surpreendeu positivamente as expectativas do mercado, dado que foram adicionados 131 leitos operacionais apesar da ausência do lançamento de novos projetos relevantes e do ambiente duro de negociação com as operadoras. Entendemos que isso é resultado do *ramp up* natural dos ativos entregues nos últimos anos e da forte demanda que a companhia tem conseguido capturar em seus hospitais. Importante frisar que ao longo do ano deveríamos enxergar uma sustentação da adição de novos leitos, baseada nos projetos que serão entregues do 2º trimestre em diante (Memorial Star, Nova Torre Star Itaim, expansão do Aliança, Novo Barra, etc), o que deveria dar suporte ao crescimento de longo prazo da Rede D'or. Além disso, houve expansão da margem EBITDA do segmento em 130bps YoY, consolidando as diversas iniciativas que a empresa colocou de pé no ano passado para otimizar a operação.

Na Sulamérica, os destaques positivos foram a queda sequencial de sinistralidade, que representou uma performance bastante superior à indicada pela sazonalidade histórica, bem como a performance comercial, com a companhia praticamente zerando a perda de vidas que vinha apresentando nos últimos trimestres, com perspectivas positivas para os próximos trimestres dado o ambiente competitivo mais brando.

Seguindo adiante nos desenvolvimentos do último semestre, houve a criação da "Atlântica D'or", JV com Bradesco, em que as companhias serão sócias em 3 hospitais que começam a operar esse ano (Macaé, Guarulhos e Alphaville), com o Bradesco ressarcindo a Rede D'or em todo o *capex* já feito, ajustado por CDI (cerca de R\$500mm). Entendemos que essa JV é um marco transformacional na tese por alguns motivos. Primeiro, mostra um alinhamento com sua maior fonte pagadora, o que é importantíssimo para o plano de crescimento já anunciado pela empresa e que não necessariamente está dentro da JV. Nesse sentido, entendemos que esse tipo de aproximação pode facilitar a discussão de credenciamento de outros ativos como o *Greenfield* de Campinas (aberto em 2023 e ainda sem credenciamento pelo Bradesco), e pode também facilitar as relações comerciais em pontos delicados atualmente, como ciclo de pagamento e glosas. Em segundo lugar, cria mais uma plataforma de crescimento que pode comportar projetos que antes não tinham viabilidade óbvia, dado que não necessariamente nasceriam credenciados pelo Bradesco. Evidência disso é o projeto de Ribeirão Preto, incluído na JV para os próximos anos. Igual a esse podem existir inúmeros outros projetos, bem como possibilidades de M&A. Dessa forma, entendemos que

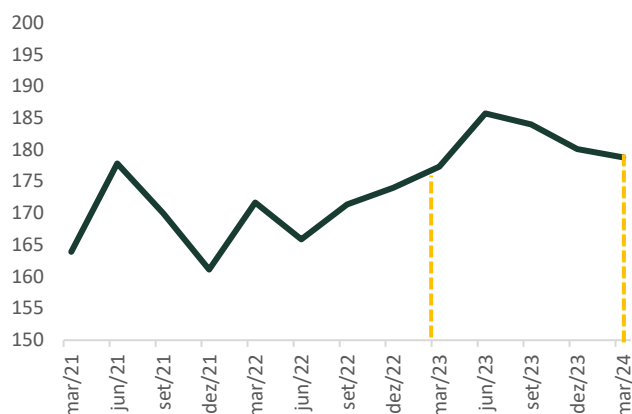
é um *deal* de cunho estratégico e que posiciona a companhia de forma bastante diferenciada para o próximo estágio de consolidação do setor.

Por fim, entendemos que houve um avanço relevante na estratégia de alocação de capital da empresa. Apesar da ausência de novos *deal* de M&A em hospitais, desinvestiram da D'or Consultoria, que não estava no planejamento estratégico após a compra da Sula, por um valor de R\$800mm, com subsequente anúncio de uma recompra de ações (a primeira realizada pela companhia desde sua listagem) limitada a R\$1 bilhão. Entendemos que a recompra está alinhada com a estratégia de alocação de capital da companhia de geração de valor de longo prazo para os acionistas, e que, junto às compras dos controladores a preços parecidos com os atuais no último ano, demonstra o alinhamento da família com o negócio.

Dessa forma, entendemos que a companhia está num ótimo momento operacional, além de muito bem-posicionada estrategicamente no setor, e contando com elementos estruturais necessários ao sucesso de praticamente qualquer tese: dono competente e alinhado com bom time de gestão e bom histórico de geração de valor ao acionista.

Hapvida foi a 2ª maior contribuição do trimestre, também suportada por bons resultados operacionais, principalmente no que tange a gestão de custos e geração de caixa. Começando a análise pelo custo, observamos uma excelente gestão da evolução da sinistralidade por beneficiário, que ficou praticamente estável ano contra ano, conforme gráfico a seguir. Essa gestão de custos foi possível principalmente por conta da maior verticalização, que, aliada ao repasse de *tickets*, gerou uma queda de 430bps na sinistralidade caixa ano YoY, e de 130bps vs o 4º trimestre, o que foi bastante acima das expectativas do mercado e sazonalidade histórica, provocando revisões nas estimativas para o ano.

Evolução do Custo por Vida (R\$/mês)



Fonte: Hapvida.

O segundo destaque, conforme evidenciado anteriormente, foi a geração de caixa. Em um momento no qual praticamente todo o setor está com problemas de fluxo de caixa ou no resultado operacional, a Hapvida conseguiu conciliar as duas coisas, reduzindo a dívida líquida em R\$404 milhões no primeiro trimestre, demonstrando a qualidade do resultado operacional e a capacidade de geração de caixa da empresa. Nesse contexto, com o resultado demonstrado, a companhia entra em uma rota positiva de desalavancagem e melhorias graduais do P&L, suportando um *valuation* com boa margem de segurança na nossa visão.

Para os próximos trimestres, respeitando a sazonalidade histórica, esperamos ver uma continuação da melhoria operacional, bem como uma retomada do crescimento orgânico, que é uma das principais alavancas de geração de valor no longo prazo, e deveria ser impulsionado no curto prazo pelo fim do ciclo de reajustes mais duros e pelas vantagens competitivas naturais da companhia. Diante desse cenário, continuamos com uma posição na empresa, apesar de termos feito reduções graduais ao longo do trimestre, respeitando a assimetria com relação a outras companhias do portfólio.

Nubank novamente foi a terceira maior contribuição no trimestre. Dando sequência ao que escrevemos sobre o *case* de investimento na [carta anterior](#), o banco reportou o resultado do 1T24 enfatizando a capacidade de crescimento, aumento do apetite a risco e ganhos de eficiência operacional. Destacamos o crescimento acelerado na originação de crédito pessoal e crédito com garantias (FGTS e Consignado), além do aumento da parcela que remunera juros dentro da carteira de cartão de crédito. O indicador de inadimplência, apesar de elevado, segue em níveis controlados e em linha com a expectativa do time de gestão dada a elevação do

risco na carteira. Mesmo após a forte performance da ação no 1S24, seguimos com uma posição pequena na empresa por conta dos fundamentos de longo prazo que enxergamos no ativo, como experiência e nível de serviço ao cliente diferenciados, sendo esse o principal motivo de aumento do engajamento e da principalidade na relação banco-cliente, que por sua vez é diretamente correlacionado com o aumento de receita e com o controle de risco de crédito do banco. Ainda, vemos uma plataforma tecnológica diferenciada quando comparado aos bancos incumbentes, permitindo ao Nu uma alavancagem operacional relevante, sendo hoje um dos bancos de varejo mais eficientes do mercado.

Por fim, a empresa segue confiante na entrega dos *milestones* prioritários para 2024, como México, crédito com garantia, alta renda e a 1ª fase da “*Money Platform*”, os quais devem ser pouco relevantes para os resultados de curto prazo, mas muito relevantes no médio e longo prazo do banco. Seguimos animados com essas perspectivas, a despeito do *valuation* menos atrativo desde o nosso investimento inicial.

Contribuições Negativas no Trimestre

Cosan	-1,8%
Localiza	-1,3%
Banco BTG	-0,8%

A Cosan foi a principal detratora do 2º trimestre de 2024. O fato de a empresa estar com uma alavancagem alta por conta do relevante ciclo de investimentos de suas subsidiárias, num ambiente com juros desafiadores fez com que as ações da companhia tivessem uma queda de -13,5% no período. As subsidiárias apresentam sólidos resultados operacionais e consecutivos crescimentos de *EBITDA*, com destaque para (i) Rumo tendo ganhos reais em tarifas, (ii) Move mantendo um forte ritmo de crescimento pós-consolidação da PetroChoice e (iii) Raízen com preços mais favoráveis no açúcar e no etanol e com margens em distribuição de combustíveis em patamares bem acima de anos anteriores. Contudo, apesar do desempenho operacional robusto, a manutenção das taxas de juros em patamares elevados impacta negativamente o lucro líquido e o ritmo de desalavancagem do grupo. Para exemplificar esse efeito, ao compararmos a estimativa da Selic média para 2024 no Relatório Focus no início do ano versus a última publicada, houve um aumento de 150bps. Considerando o endividamento atual da *holding*¹ conforme o último *release* de resultados de R\$28,6 bilhões,

¹ Dívida Líquida em 30 de abril de 2024 com o valor de resgate das ações preferenciais.

esse aumento nos juros representa uma despesa financeira anual adicional de cerca de -R\$430mm (cerca de 20% do lucro líquido Ajustado da empresa para o ano de 2024 conforme última estimativa do consenso).

Desde o seu *IPO* em 2005, a Cosan passou por diversos momentos ao longo da sua história de ciclos de alta alavancagem precedendo períodos de maturação, desalavancagem e, conseqüentemente, geração de valor. Tais movimentos transformaram a empresa de uma operadora de usinas de cana-de-açúcar para um grupo diversificado com ativos irreplicáveis de infraestrutura e energia. Essa trajetória foi feita majoritariamente pela captação de dívidas e pela geração de caixa dos seus negócios, gerando muito valor aos acionistas ao longo dos anos. É importante ressaltar que, nesse período, a Cosan realizou diversas recompras de suas ações, sem contar o pagamento de dividendos.

Diante desse cenário macro que se deteriorou no decorrer de 2024, vemos como positivas as iniciativas que a Cosan vem realizando, que passam desde (i) o alongamento do perfil de dívida, com vencimentos relevantes apenas a partir de 2027, (ii) o ajuste dos programas de investimento das subsidiárias, como a Raízen que divulgou um *Guidance* para a safra 24/25 com uma redução nos investimentos de cerca R\$1,7bi junto a um aumento de EBITDA de cerca de R\$1,8bi considerando o ponto médio versus os valores reportados na safra anterior, e (iii) a reciclagem de alguns ativos que não são *core* no portfólio de suas subsidiárias, como parques solares na Raízen, distribuidoras de gás no Nordeste na Compass e terminais portuários na Rumo. Além disso, é importante ressaltar que a posição em Vale, uma das ações de maior liquidez da Bolsa brasileira, é extremamente líquida e gera bastante flexibilidade no ajuste da estrutura de capital do grupo.

Acreditamos que, após a conclusão de um ciclo intenso de investimentos em projetos de alto retorno, associado a uma taxa de juros normalizada e a entregas operacionais robustas, a Cosan entrará em um período de forte desalavancagem, gerando valor para os acionistas. Adicionalmente, vemos uma grande oportunidade no eventual *IPO* das subsidiárias privadas do grupo, em especial o da Moove (este último com expectativa de ocorrer nesse ano conforme notícias recentes) e o da Compass, como eventos catalisadores de destravamento de valor das ações, que consideramos subvalorizadas dado a grande qualidade que enxergamos nos ativos do seu portfólio.

A segunda maior detratora do trimestre foi Localiza. Após dois resultados seguidos – 4T23 e 1T24 – com a *BU* de

Seminovos apresentando tendências negativas, esperamos que isso prossiga para o 2T24. A dinâmica de queda no preço de seminovos impulsionada pelo aumento nas bonificações dadas pelas montadoras (incentivos de preço e condições dadas na ponta) impactando os veículos zero km e, conseqüentemente, o usado, continuou ao longo do decorrer da primeira metade do ano e deve seguir pressionando os preços de venda, as margens em Seminovos e a depreciação dos veículos. Tudo isso deve ser somado ao impacto adicional oriundo da tragédia ocorrida no Rio Grande do Sul.

No entanto, nossa opinião permanece a mesma que expressamos em nossa [última carta](#). Há alguns pontos que nos deixam mais confortáveis em relação ao cenário de seminovos: (i) a situação parece muito mais macro/setorial do que um problema micro (vide o comportamento de queda da FIPE em usados, os *impairments* realizados por Unidas e Movida no começo do ano referentes ao resultado do 4T23 e os *feedbacks* que escutamos de agentes da indústria); (ii) alguns sinais indicam que a estabilização do mercado de usados deveria estar próxima (como a sinalização de aumento de preço feita por algumas montadoras e o forte aumento de 50% na concessão de crédito auto para pessoa física em 2024); e (iii) os aspectos micro para a melhora de resultado nesta BU (progressiva melhora no giro do ativo, menores descontos para o preço da FIPE nos veículos e melhora na qualidade do carro vendido, que deve progressivamente sair de uma idade média de 26 meses para a média histórica de 18 meses).

Ademais, seguimos construtivos com: (i) os fortes resultados recentes das *BUs* de aluguel, tanto em margem quanto em crescimento, somados ao forte crescimento que enxergamos para o futuro, suportado pela baixa penetração dos segmentos de aluguel no país e a posição competitiva favorável da Localiza; e (ii) a capacidade da Localiza de convergir novamente seu *ROIC spread* para os patamares históricos mesmo após momentos desafiadores (como após os anos de 2008 e de 2016), sempre priorizando a geração de valor, nos deixam confiantes de que há um potencial relevante de melhora de resultado na Localiza para os próximos períodos.

No trimestre o BTG foi o 3º maior detrator do fundo, sendo o movimento macroeconômico de aversão a risco no Brasil o principal responsável por essa queda no preço das ações. Nossa tese de longo prazo no banco consiste na ampliação do mercado de capitais e na constante diversificação do BTG em novos mercados como varejo (seja na parte de investimentos, seja no *banking* transacional) e pequenas e médias empresas, e da excelência de atuação do atacado

atendendo grandes empresas em diversas frentes como crédito e *investment banking*.

Nosso investimento inicial em BTG ocorreu em 2019, totalizando 5,1 anos, no qual temos um retorno anualizado de 18,3%. Nesse período o lucro líquido do banco saiu de R\$3,8 bilhões para R\$10,4 bilhões em 2023 um *CAGR* de 28,4%, com redução de 10 pontos percentuais na participação de receitas de *investment banking* e *sales & trading*, ampliando a participação no resultado de segmentos mais ligados à franquia de varejo, que passou de 7% para 14,5% das receitas. Esse efeito de maior diversificação traz uma maior resiliência no resultado que depende menos do desempenho do mercado de capitais, assim como trouxe uma expansão consistente da rentabilidade do banco saindo de um *ROE* de 14,7% em 2018 para 22,7% em 2023.

Essas tendências de diversificação e de aumento de rentabilidade são estruturais, à medida que novos investimentos realizados nos últimos anos amadurecem e passam a contribuir positivamente para o resultado do BTG, como a operação de PMEs, Banco PAN e ampliação da escala no varejo. Ademais, a forte cultura de *partnership* mantém os incentivos alinhados com os acionistas, com foco em geração de valor no longo prazo. Vemos o *valuation* atual em patamares bem atrativos, dado que o P/L 2024 está abaixo de 10,0x, e mantemos uma posição estrutural na empresa.

Agradecemos a confiança.

Equipe Brasil Capital

Brasil Capital FIC FIA - Junho 2024

Brasil Capital FIC FIA (Cod Bloomberg: BCFIAND Index; Cód Anbima: 219436) - Classificação Anbima: Ações Livre

Objetivo: O Brasil Capital FIC FIA é um fundo de investimento que tem como objetivo gerar retornos reais superiores ao custo de oportunidade dos nossos cotistas no médio e longo prazos, investindo em ativos de renda variável.

Política de Investimento: O fundo tem um horizonte de investimento de longo prazo, o que permite uma estreita relação com as empresas investidas e profundo conhecimento dos seus mercados de atuação. As empresas são selecionadas através de critérios fundamentalistas.

Público Alvo: Exclusivamente investidores qualificados, conforme definição da instrução CVM 555/2015.

Rentabilidade

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Fundo Ano	IBOV Ano	Acum. Fundo	Acum. IBOV
2008										-10,9%	4,7%	6,5%	-0,6%	-8,0%	-0,6%	-8,0%
2009	11,1%	3,1%	-0,6%	30,8%	15,5%	4,8%	15,3%	6,5%	6,6%	3,1%	8,3%	8,6%	185,6%	82,7%	183,9%	68,0%
2010	1,4%	0,8%	4,6%	-0,8%	-8,7%	1,9%	11,1%	5,3%	5,5%	6,6%	4,0%	3,1%	39,0%	1,0%	294,4%	69,7%
2011	-2,1%	-0,1%	1,6%	4,7%	-3,0%	-1,8%	-5,5%	2,3%	-6,4%	3,4%	-4,0%	3,8%	-7,7%	-18,1%	264,2%	39,0%
2012	9,7%	8,0%	6,8%	0,7%	-2,1%	3,5%	4,8%	2,1%	3,9%	4,8%	0,5%	7,1%	62,2%	7,4%	490,8%	49,3%
2013	2,7%	2,6%	-3,6%	1,7%	-4,6%	-9,1%	3,7%	-2,9%	-0,1%	3,9%	4,0%	-3,1%	-5,7%	-15,5%	456,9%	26,2%
2014	-9,6%	-1,6%	2,4%	1,2%	2,5%	4,7%	1,2%	4,1%	-2,9%	2,0%	2,2%	-3,2%	2,0%	-2,9%	467,7%	22,5%
2015	-8,4%	1,9%	3,1%	2,0%	1,7%	1,4%	-1,9%	-5,9%	-4,7%	5,0%	-0,9%	0,8%	-6,6%	-13,3%	430,6%	6,2%
2016	-5,6%	6,1%	10,3%	8,7%	3,4%	1,3%	8,7%	1,6%	1,4%	6,3%	-8,7%	0,0%	36,6%	38,9%	624,8%	47,5%
2017	6,2%	4,0%	2,2%	0,3%	-2,4%	2,6%	4,1%	5,9%	4,0%	0,5%	-0,5%	3,5%	34,5%	26,9%	875,3%	87,1%
2018	6,1%	0,2%	0,8%	-1,6%	-8,1%	-3,8%	4,5%	-4,2%	1,1%	12,7%	5,7%	-0,1%	12,2%	15,0%	994,2%	115,3%
2019	12,0%	0,0%	0,0%	1,9%	3,2%	4,2%	4,2%	2,1%	3,5%	3,2%	1,8%	10,0%	56,2%	31,6%	1.608,6%	183,2%
2020	1,3%	-7,5%	-36,6%	13,8%	7,6%	12,3%	10,3%	-1,8%	-4,7%	-0,6%	12,9%	7,6%	1,9%	2,9%	1.640,5%	191,5%
2021	0,7%	-2,0%	-0,1%	2,2%	1,2%	2,4%	-2,5%	-1,8%	-6,5%	-13,1%	-3,5%	2,6%	-19,6%	-11,9%	1.298,9%	156,7%
2022	4,2%	-3,5%	6,7%	-9,4%	1,0%	-12,5%	5,9%	4,6%	0,2%	7,6%	-2,1%	-2,7%	-5,3%	4,7%	1.225,2%	168,8%
2023	2,1%	-4,6%	-2,3%	4,3%	8,5%	11,5%	6,2%	-6,5%	-0,9%	-6,3%	15,4%	5,4%	30,8%	22,3%	1.633,7%	228,7%
2024	-5,7%	-0,7%	-0,1%	-6,1%	-1,2%	2,3%							-11,3%	-7,7%	1.438,5%	203,5%

* Início do Fundo: 13/10/2008

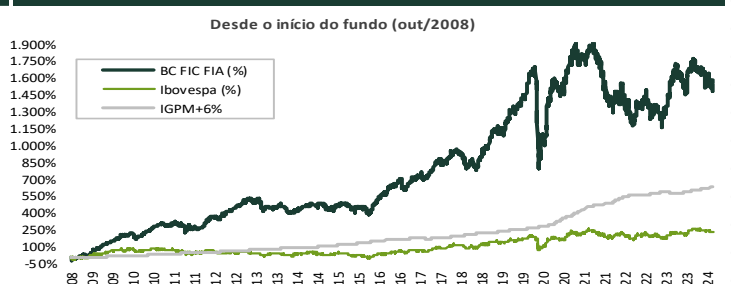
Estatísticas

	BC FIC FIA	IBOV
Retorno desde Início	1438,5%	203,5%
Retorno Anualizado	19,1%	7,4%
Desvio Padrão Anualizado*	22,3%	26,6%
Índice de Sharpe**	0,93	-
Núm. de meses negativos	64	85
Núm. de meses positivos	125	104
Núm. de meses abaixo do Ibovespa	82	-
Núm. de meses acima do Ibovespa	107	-
Maior Rentabilidade Mensal	30,8%	17,0%
Menor Rentabilidade Mensal	-36,6%	-29,9%
Patrimônio Líquido (R\$MM) em: 28/06/2024	157,7	-
Patrimônio Líquido Médio 12m (R\$MM)	193,0	-
Última Cota do Mês em: 28/06/2024	15,385036	-

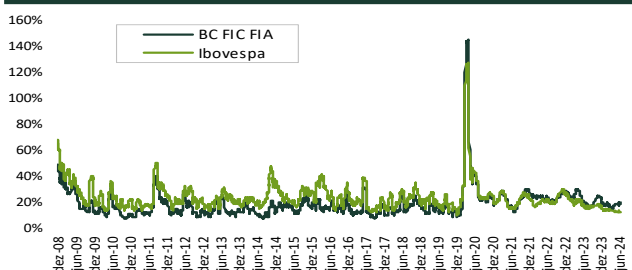
* Desvio padrão anualizado - desde o início do Fundo

** [(Retorno Anualizado BC FIA) - (Retorno Anualizado CDI)] / (DP anualizado BC FIA)

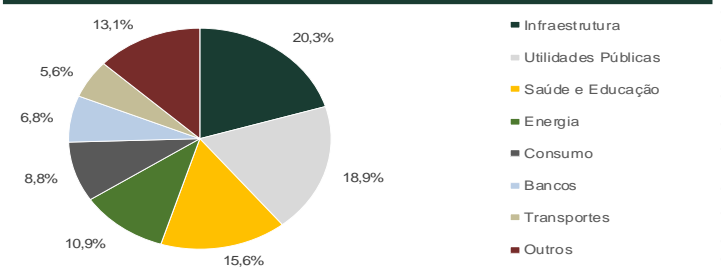
Retornos (%)



Volatilidade anualizada - janelas móveis 21 dias



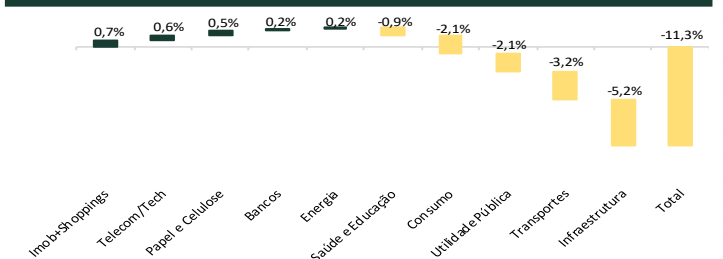
Composição da carteira - Junho 2024



Informações

- Aplicação mínima inicial: R\$ 100.000,00
- Aplicações Adicionais: R\$ 10.000,00
- Cota de aplicação: D + 0 (fechamento)
- Cota de resgate: D + 14 (fechamento) d.u.
- Liquidação financeira: D + 2 da cotização
- Tributação: 15% de IR (sem comecotas)
- Taxa de Administração: 1,5% a.a.
- Taxa de Performance: 20% do que exceder IGPM+6% ao semestre
- Dados bancários: Favorecido: Brasil Capital FIC FIA; Banco: BNY Mellon (17); Agência: 1; C/C: 2125-3; CNPJ: 09.577.036/0001-07

Atribuição de performance - em 2024



Gestor: Brasil Capital • Administrador: BNY Mellon • Custódia: BNY Mellon • Auditor: KPMG
 Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1700 Cj 161 • São Paulo, SP - Brasil • 04543-000 • Tel: +55 11 5105-0600 • Fax: +55 11 5105-0608
 contato@brasil-capital.com • www.brasilcapital.com

A BC Gestão de Recursos não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Os Fundos de Investimento não contam com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Fundos de ações com renda variável podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Categoria ANBIMA: Fundo de Investimento de Ações Outros. Este fundo é supervisionado e fiscalizado pela Comissão de Valores Mobiliários - CVM (Serviço de atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br). As estratégias de investimento do fundo podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas.



BRASIL CAPITAL